

## SITUAÇÃO DA CULTURA DO MILHO NO BRASIL

A produção de milho no Brasil sofreu profundas transformações nos últimos anos. Estas modificações foram conseqüência das novas tecnologias disponíveis para os agricultores, da expansão da produção em áreas não tradicionais e de modificações nas formas de conduzir as lavouras, em decorrência de mudanças que ocorreram em culturas competitivas ou substitutas.

No triênio encerrado com a safra de 1992/93, a área plantada com milho no Brasil cresceu 1,7% em relação à área plantada no triênio entre as safras de 1984/85 e 1986/87. Ao mesmo tempo, a quantidade produzida aumentou 23,6%, em função principalmente de evolução dos rendimentos físicos, que atingiram a marca de 2.112 Kg/ha, contra apenas 1.737 Kg/ha nas colheitas do período 1984/87. Essa variação na produtividade agrícola retrata o efeito das novas formas de produção adotadas pelos agricultores. Esse reduzido crescimento da área cultivada com milho se verificou em um cenário de redução da área plantada com grãos na agricultura brasileira, elevando a participação desse cereal de cerca de 31,7% para 35,6%, no total destinado a grãos.

As modificações ocorreram principalmente na região Centro-Sul do Brasil, onde se localiza a produção comercial de milho. Nessa região, a área ocupada com milho passou de 31,2 para 35,4% da área total destinada à produção de grãos e sua participação na quantidade total de milho produzida no País nas últimas safras tem se situado pouco abaixo de 95%.

Parte das mudanças que ocorreram no sistema de produção foram causadas principalmente pela redução dos incentivos à cultura do trigo e a conseqüente redução da área destinada à produção desse cereal no Sul do Brasil. Isto permitiu, e as condições de mercado forneceram o incentivo econômico, o plantio mais cedo do milho. O resultado foi a melhor adequação do período produtivo às condições climáticas, com conseqüente elevação da produtividade, redução do risco de uso de maior quantidade de fertilizantes e a entrada da produção daquela região mais cedo no mercado, melhorando consideravelmente a distribuição da oferta ao longo do primeiro semestre e a

remuneração dos agricultores que conseguiram colher mais cedo.

A grande modificação recente verificada no Centro-Sul do Brasil foi o aumento da área destinada ao que se conhece hoje como milho de 2ª época (ou safrinha). Experiências com o plantio de milho nos meses de fevereiro-março já haviam sido realizadas, em certas regiões do Paraná, no início da década de 80. Em outros Estados, situados mais ao norte, o plantio em 2ª época já era relativamente comum no fim da década de 70 e início da de 80, com o uso de cultivares precoces de soja e do sorgo. Essa modalidade de plantio é responsável hoje por cerca de 8% (cerca de 2,4 milhões de toneladas) da produção de milho da região Centro-Sul e ocupa aproximadamente 1.200.000 hectares. Na safra de 1988/89, a área com milho na safrinha foi de 89.000 ha e a produção obtida, de 210.000 toneladas.

Devido às condições geralmente adversas que se verificam no final do verão (redução das chuvas e ocorrência de geadas) e ao fato de o sistema de produção utilizado ser menos intensivo no uso de insumos (e na própria qualidade, como emprego de sementes mais baratas), os rendimentos agrícolas obtidos na safrinha são inferiores aos obtidos em plantios nas épocas tradicionais. Na Tabela 3, encontram-se os valores da produtividade física de milho em Estados do Centro-Sul do Brasil, em plantios normais e de 2ª época, para a safra de 1992/93, ilustrando a redução da produtividade. Essa menor produtividade aparentemente é compensada pela possibilidade de uso intensivo da terra, dos equipamentos agrícolas, pelo aproveitamento em menor espaço de tempo do investimento feito em fertilizantes e pela condução das lavouras com uso de menor quantidade de insumos, de forma a reduzir os custos de produção. A grande contribuição da pesquisa agrícola para essa modalidade de plantio foi o desenvolvimento de cultivares de milho de ciclo mais curto e mais resistentes a estresses causados por deficiências no suprimento de água.

A consolidação de zonas típicas de produção comercial, seja para exportação para outras regiões

consumidores do país (caso típico do Estado de Goiás), seja impulsionada pela forte pressão do consumo, como regiões vizinhas ao pólo de criação de aves e suínos localizado em Santa Catarina, tem influenciado consideravelmente no desenvolvimento tecnológico das lavouras situadas nesses locais. Uma das características desses pólos, nas regiões mais mecanizáveis, é o crescente interesse de produtores de soja em realizar plantios de milho. Esses produtores, que normalmente já utilizam sistemas de produção mais intensivos, que envolvem insumos e máquinas agrícolas, têm trazido sua experiência para a cultura do milho. Além disso, a rotação das culturas de milho e soja, apesar de ter caráter mais econômico do que conservacionista, tem sido implantada, beneficiando ambas as culturas. Atualmente, os maiores rendimentos físicos das lavouras de milho são encontrados em estados como Goiás (3.520 Kg/ha), Santa Catarina e Paraná (3.200 Kg/ha na safra 1992/93). Como estas são médias estaduais, as produtividades obtidas em pólos como Rio Verde, GO, Castro e Guarapuava, no Paraná, são certamente superiores a elas. Isto demonstra o potencial produtivo da cultura do milho e a viabilidade econômica do desenvolvimento tecnológico de sua exploração. Revela ainda a possibilidade de integração a

esse processo tecnológico da grande massa de produtores que tem ficado à sua margem, apesar de ter no milho fator importante para a auto-sustentação de sua família e para a geração de excedentes econômicos.

A situação da produção de milho no Nordeste é totalmente diferente, no que diz respeito a modificações no sistema produtivo de milho. Embora essa cultura ocupe cerca de 36% da área total dedicada a grãos e a área plantada com milho naquela região represente cerca de 20% da área com milho do Brasil, a situação de extrema severidade climática tem diminuído as possibilidades de modificações no perfil tecnológico da cultura e reduziu a sua participação na produção nacional a menos de 5% nas safras do triênio 1990/93. Além disso, o quadro de instabilidade dos rendimentos físicos de milho tem levado a uma imensa variabilidade da produção regional e a uma tendência decrescente dos rendimentos agrícolas. A grande modificação que ocorreu no sistema de produção/comercialização do milho na região se deu na ênfase recente de incrementos na importação de milho da Argentina, que se mostrou mais competitivo que o produto originário do Centro-Sul do Brasil. - *João Carlos Garcia.*

**TABELA 3.** Comparativo de área, quantidade produzida e rendimento físico de plantios normais e de segunda safra em estados do Centro-Sul do Brasil, na safra de 1992/93. CNPMS, Sete Lagoas, MG, 1994.

	Saфра normal			2ª safra		
	Área (1.000 ha)	Quant. (1.000 t)	Rend. (kg/ha)	Área (1.000 ha)	Quant. (1.000 t)	Rend. (kg/ha)
Paraná	2.139	6.631	3.100	550	1.129	2.054
São Paulo	1.065	3.024	2.840	365	876	2.400
Mato Grosso do Sul	230	713	3.100	137	179	1.300
Mato Grosso	270	810	3.000	93	221	1.340
Goiás	648	2.281	3.520	44	69	1.575

Fonte: CONAB/DIPLA